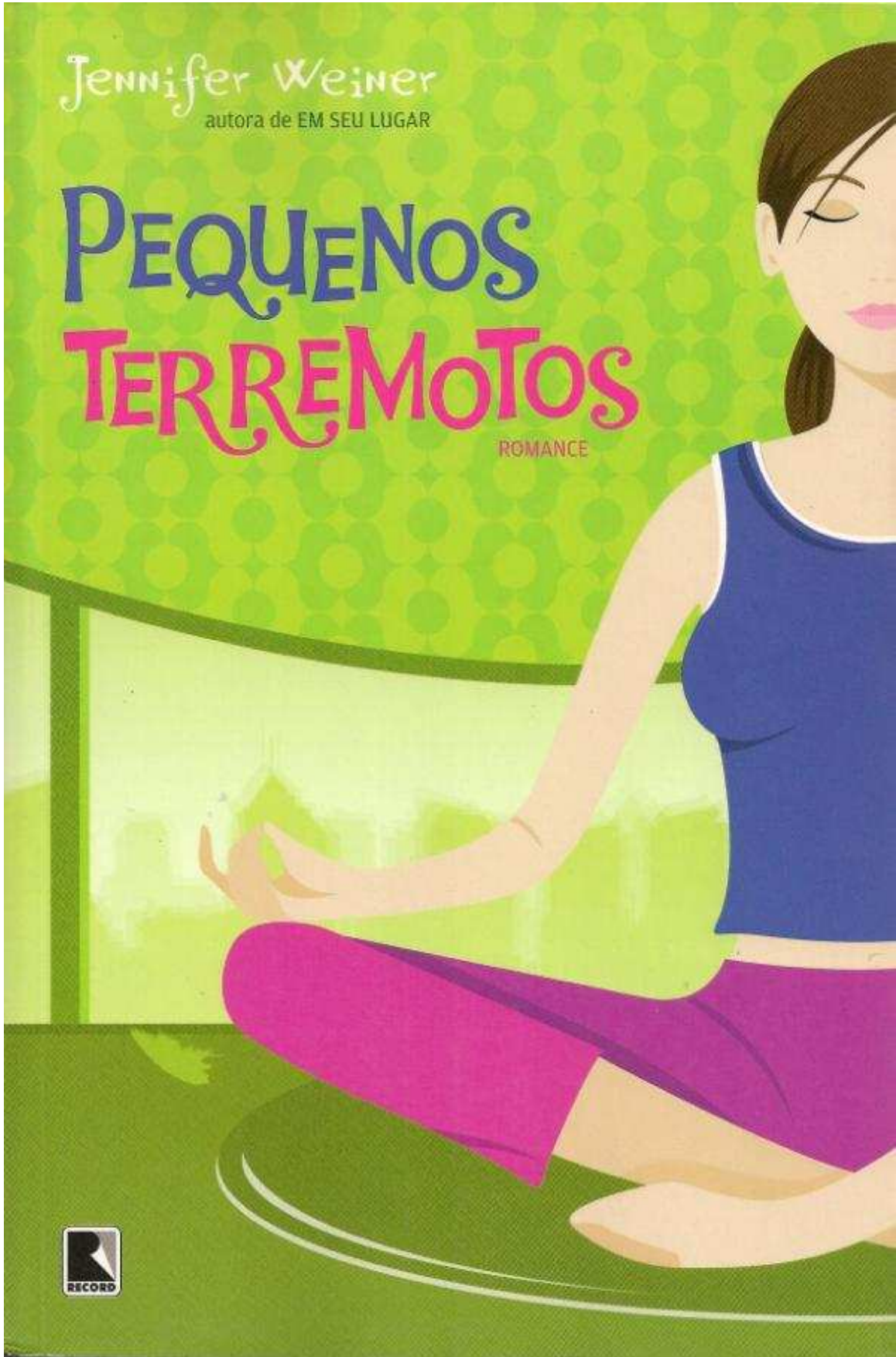


Jennifer Weiner
autora de EM SEU LUGAR

PEQUENOS TERREMOTOS

ROMANCE



Rebecca, Lia, Kelly e Ayinde. Quatro mulheres independentes e modernas, que não sabem da existência uma das outras... Quer dizer, até se esbarrarem na aula de ioga para gestantes. Entre mamadeiras e exames pré-natais, Jennifer Weiner traça um perfil delicioso e engraçado do desafio de ser mãe nos dias atuais.



Primeiro vem o amor, depois, o casamento... é justamente quando as coisas começam a ficar interessantes...

Jennifer Weiner nos apresentou às irmãs Rose e Maggie Feller no divertidíssimo *Em seu lugar*, que ganhou as telas estrelado por Cameron Diaz e Toni Collette. A dupla reproduziu com perfeição os traços sarcásticos e irônicos das personagens. *Pequenos terremotos*, ao que parece, vai seguir a mesma trajetória das livrarias-para-as-telas-do-cinema. Os produtores de *Erin Brockovich* já reservaram os direitos deste livro hilariante.

Neste novo romance, Jennifer Weiner apresenta aos leitores um retrato fiel sobre a falta de sono e a amizade entre quatro mulheres muito diferentes, que experimentam uma das transições mais maravilhosas e "arriscadas" da vida: a maternidade.

Rebecca Rothstein-Rabinowitz é uma gordinha muito sexy, com um marido maravilhoso e amigos superbacanas. Ela é *chef* de um dos restaurantes mais badalados da cidade, além de ser mãe de uma menina linda... E tem também uma sogra, verdadeira mala-sem-alça, que caiu de pára-quadras em sua vida.

A vida de Kelly Day parece perfeita como um comercial de margarina. Mas, por trás das portas de seu apartamento, ela batalha para equilibrar trabalho e maternidade – Kelly é a típica mãezona, que anota cada passo e gesto do pequeno Oliver em um caderno. O fardo fica por conta do marido desempregado, cuja única atividade é zapear pelos canais de TV durante oito horas por dia.

Já Ayinde Towne patina em terreno duvidoso. Ela segue à risca um livro de auto-ajuda chamado *O sucesso do bebê*, enquanto o marido trai sua confiança no momento mais vulnerável de sua vida, colocando o casamento em risco.

Por fim, encontramos Lia Frederick, que deixou para trás marido, um segredo trágico e a glamourosa carreira em Hollywood. De volta à sua Filadélfia natal, quer começar uma nova vida.

Com humor peculiar e generosas doses de sarcasmo, Jennifer Weiner revela o que acontece depois do "E foram felizes para sempre...", a caixinha de surpresas chamada "casamento" e suas particularidades, como "a gestação", que ao fim de 9 meses revela um presentinho de pouco menos de quatro quilos.

Da loga pré-natal ao sexo pós-parto, de irmãs e maridos a mães e sogras, *Pequenos terremotos* é uma visão sincera, engraçada e profundamente fiel às comédias e às tragédias do amor e do casamento.

Jennifer Weiner nasceu em De Ridder, Louisiana. Formou-se em inglês em Princeton e colaborou em diversos jornais e revistas. Em 2001, publicou o primeiro livro, *Bom de cama*, cotado para virar série do canal HBO. Em 2005, *Em seu lugar* (Editora Record) chegou às telas do cinema, com Cameron Diaz, Toni Collette e Shirley MacLaine. Os direitos de *Pequenos terremotos* já foram reservados pela Universal Pictures. Atualmente, a autora vive com o marido e seu *rat terrier* na Filadélfia.

www.jenniferweiner.com

Para Lucy Jane

- O que é REAL? - perguntou o Coelho um dia, quando estavam deitados lado a lado perto da portezinha do quarto de crianças, antes que Nana viesse arrumar o quarto.
- Será que significa ter coisas que zumbem dentro de você e uma alça que se estente para fora?
- Real não é como você é feito - disse o Cavalo de Couro. – É algo que acontece com você. Quando uma criança o ama por muito, muito tempo, não apenas para brincar, mas REALMENTE o ama, então você se torna real.
- Dói? - perguntou o Coelho.
- Às vezes - disse o Cavalo de Couro, pois ele sempre dizia a verdade. - Quando você é real, não se importa de se machucar.

- MARGERY WILLIAMS
The Velveteen Rabbit

Abril

Lia

Eu a observei durante três dias, sentada sozinha no parque, debaixo de um elmo, ao lado de um chafariz seco, com vários sanduíches intactos em meu colo e minha bolsa ao lado.

Bolsa. Na verdade, não é uma bolsa. Antes, eu tinha bolsas – uma bolsa Prada falsificada, uma bolsinha de mão Chanel verdadeira que Sam me deu de aniversário. O que tenho agora é uma sacola Vera Bradley gigantesca, cor-de-rosa e florida, grande o bastante para caber uma cabeça humana. Se essa bolsa fosse uma pessoa, seria a tia grisalha e desleixada de alguém, com cheiro de naftalina e balas de caramelo, que insiste em beliscar suas bochechas. É horrenda. Mas ninguém a nota, tanto quanto não me notam.

Há muito tempo, eu teria me esforçado para ser invisível: um boné de beisebol enterrado na cabeça ou um moletom com capuz para me ajudar a evitar as perguntas que sempre começavam com "Ei, você não é?" e sempre terminavam com um nome que não era o meu. "Não, espere, não me diga. Eu já não a vi em algo? Não sei quem você é?" Agora, ninguém fica encarando, ninguém pergunta e ninguém olha duas vezes para mim. Eu podia ser uma peça de mobília. Na semana passada, um esquilo passou correndo por cima de meu pé.

Mas tudo bem. Isso é bom. Não estou aqui para ser vista; estou aqui para observar. Normalmente, são mais ou menos três horas quando ela aparece. Ponho meu sanduíche de lado e aperto a bolsa contra o corpo, como um travesseiro ou um animal de estimação, e fico olhando. No princípio, eu não podia dizer nada, mas ontem ela parou um pouco depois de meu chafariz e se alongou com as mãos, pressionando o cóccix. "Eu fazia isso", pensei, sentindo minha garganta fechar. "Eu também fazia isso."

Eu costumava adorar este parque. Quando estava crescendo, na parte nordeste da Filadélfia, meu pai me levava à cidade três vezes por ano. Íamos ao zoológico no verão, à exposição de flores todas as primaveras e à Wannamaker para o *show* de luzes de Natal, em dezembro. Ele me dava algo para comer - um chocolate quente, um sorvete de morango - e nos sentávamos em um banco, e meu pai inventava histórias sobre as pessoas que passavam. Um adolescente de mochila era um astro do *rock* disfarçado; uma senhora de cabelo azul, usando um casaco de peles até o tornozelo, estava carregando segredos para os russos. Quando eu estava no avião, em algum lugar sobre a Virgínia, pensava nesse parque, e no gosto de morangos e chocolate e nos braços de meu pai em volta de mim. Achei que me sentiria segura aqui. Estava errada. Sempre que eu piscava, sempre que eu respirava, podia sentir o chão balançar e escorregar para os lados. Eu podia sentir as coisas começarem a se quebrar.

Tem sido assim desde que aconteceu. Nada conseguia me fazer sentir segura. Nem meu marido, Sam, me abraçando, nem o terapeuta gentil e de olhos tristes que ele me arrumou e que me dizia "Só o tempo vai ajudar; você só tem de viver um dia de cada vez".

É o que tenho feito. Sobrevivido aos dias. Tenho me alimentado sem sentir o gosto, jogado fora os invólucros de isopor. Escovado os dentes e feito a cama. Numa quarta, feira à tarde, três semanas depois de ter acontecido, Sam sugeriu irmos ao cinema. Ele separou roupas para eu vestir - uma calça capri verde-limão que eu ainda não conseguia fechar direito, uma blusa de seda marfim enfeitada com fitas cor-de-rosa, um par de chinelos rosa. Quando peguei a sacola de fraldas perto da porta, Sam olhou de um jeito estranho para mim, mas não disse nada. Eu já a havia usado como bolsa e continuei a

usá-la depois, como um ursinho de pelúcia ou um cobertor de estimação, como algo que eu amava e do qual não conseguia me desfazer.

Eu estava bem quando entrei no carro. Estava bem quando paramos no estacionamento e Sam segurou a porta para mim e me acompanhou ao saguão de veludo vermelho que cheirava à pipoca e margarina. E então, fiquei parada ali, sem conseguir me mover um centímetro.

- Lia? - Sam me chamou.

Balancei a cabeça. Estava me lembrando da última vez em que tínhamos ido ao cinema. Sam comprou bolinhas de chocolate, minhocas de gelatina e a Coca gigante que eu queria, mesmo que a cafeína fosse proibida e que cada gole me fizesse arrotar. Quando o filme terminou, ele precisou usar ambas as mãos para me puxar do assento. "Eu tinha tudo naquela época", pensei. Meus olhos começaram a arder, meus lábios começaram a tremer e eu podia sentir meus joelhos e meu pescoço balançarem, como se estivessem cheios de graxa e bolinhas de chumbo. Coloquei uma das mãos na parede para me apoiar e não começar a escorregar para os lados. Lembrei-me de ter lido em algum lugar sobre como uma equipe de TV havia entrevistado alguém que estivera no terremoto de 1994 em Northridge. "Quanto tempo durou?" perguntou o jornalista insípido e bronzeado. A mulher, que perdera a casa e o marido, olhou para ele assombrada e disse: "Ainda está acontecendo."

- Lia? - Sam perguntou de novo.

Olhei para ele - seus olhos azuis que ainda estavam vermelhos, seu maxilar forte, sua pele lisa. "A beleza vem de dentro", minha mãe costumava dizer, mas Sam sempre fora tão gentil comigo, desde que o conheci. Desde que acontecera, ele não fora nada além de gentil. E eu lhe trouxe tragédia. Sempre que ele olhava para mim, eu via a mesma coisa. Eu não podia ficar. Não podia mais ficar e magoá-lo.

- Eu já volto - falei. - Só vou ao banheiro.

Pendurei minha Vera Bradley no ombro, passei pela porta do banheiro e saí pela porta da frente.

Nosso apartamento estava como o havíamos deixado. O sofá estava na sala, a cama estava no quarto. O quarto no final do corredor estava vazio. Completamente vazio. Não havia nem uma partícula de pó no ar. "Quem fez isso?", pensei enquanto entrava no quarto, pegava algumas calcinhas e camisetas e colocava na bolsa. "Eu nem percebi", pensei. "Como posso não ter percebido?" Num dia, o quarto estava cheio de brinquedos e móveis, um berço e uma cadeira de balanço, e, no dia seguinte, nada. Será que havia algum serviço que a gente pudesse chamar, um número que você pudesse discar, um *website* que pudesse acessar, homens que viriam com sacos de lixo e aspiradores de pó e levariam tudo embora?

"Sam, eu sinto muito", escrevi. "Não posso mais ficar aqui. Não posso vê-lo tão triste e saber que é minha culpa. Por favor, não me procure. Liguei quando estiver pronta. Me desculpe..." Parei de escrever. Nem existiam palavras para me expressar. Nada chegava nem perto. "Me desculpe por tudo", escrevi, e saí pela porta.

O táxi estava esperando por mim do lado de fora da porta da frente de nosso edifício e, para variar, a autopista estava livre. Meia hora depois, eu estava no aeroporto com uma pilha de notas novinhas de um caixa eletrônico, estalando.

- Só de ida? - a moça atrás do balcão perguntou.

- Só de ida - respondi e paguei por minha passagem para casa. O lugar onde tem de ser aceita. Minha mãe não pareceu muito feliz a respeito, mas também nunca tinha ficado muito feliz com nada que dissesse respeito a mim, ou na verdade com nada, desde que eu era adolescente e meu pai fora embora. Mas havia um teto sobre minha cabeça, uma cama para dormir. Ela até me deu um casaco para usar num dia frio na semana anterior.

A mulher que eu estava observando atravessou o parque, cachos louro-avermelhados empilhados na cabeça, uma mochila de lona na mão, e eu me inclinei para a frente, me segurando nas beiradas do banco, tentando fazer o rodopio parar. Ela botou a bolsa na borda do chafariz e se curvou para acariciar um cachorrinho de manchas brancas e pretas. "Agora", pensei, e enfiei a mão na minha sacola enorme e tirei o chocalho de prata. "Será que devemos monogramar?", Sam havia perguntado. Eu só revirei os olhos e disse que havia dois tipos de gente no mundo: os que mandavam monogramar coisas na Tiffany's e os que não mandavam, e nós, definitivamente, éramos do segundo tipo. Um chocalho de prata da Tiffany's, sem monograma, nunca usado. Andei cuidadosamente até o chafariz antes de me lembrar de que havia me tomado invisível e que ninguém iria olhar para mim, independentemente do que eu fizesse. Enfiei o chocalho em sua bolsa e fui embora.

Becky

Seu telefone celular vibrava enquanto ela endireitava as costas. O cachorro deu um latido agudo e se afastou, e a mulher de cabelos compridos e louros usando um casaco azul longo passou por ela, andando tão perto que seus ombros roçaram. Becky Rothstein-Rabinowitz afastou os cachos dos olhos, tirou o telefone do bolso, estremeceu quando viu o número que apareceu no visor e guardou o telefone sem atendê-lo.

- Merda - resmungou para ninguém em particular.

Aquilo marcava o quinto telefonema de sua sogra Mimi nas últimas duas horas. Ela e Mimi tinham uma convivência razoavelmente pacífica quando Mimi morava no Texas com o último de uma série de cinco maridos, mas o casamento não havia durado. Agora Mimi estava se mudando para a Filadélfia, e parecia não se dar conta do simples fato de que sua nora tinha tanto um trabalho quanto um bebê a caminho e, conseqüentemente, mais o que fazer do que "dar uma passada" na loja que o decorador de Mimi recomendara e "dar uma olhadinha" nas cortinas feitas sob encomenda de Mimi. Becky também não tinha "um segundinho" para dirigir meia hora até Merion e "espiar" como ia a obra (a sogra estava construindo uma minimansão ornamentada com pilastras que, aos olhos de Becky, parecia a residência de Scarlett O'Hara, se Tara tivesse encolhido na lavagem). Becky pegou a bolsa e atravessou o parque a passos rápidos até o Mas, seu restaurante.

Eram três horas da tarde e a pequena cozinha já estava enfumaçada e quente com o aroma de quantos dianteiros de porco refogados em um molho temperado com canela, coentro e molho de alho e pimentões assando para o flã de antepasto. Becky respirou profunda e alegremente e esticou os braços acima da cabeça.

- Achei que estava de folga hoje - disse Sarah Trujillo, sua sócia e melhor amiga.

- Só dei uma passada - respondeu Becky, enquanto seu celular vibrava novamente.

- Deixe-me adivinhar - disse Sarah.

Becky suspirou, olhou para o número, sorriu e abriu o telefone.

- Oi, querido - disse.

Estavam casados havia dois anos, tendo namorado por três anos antes disso, mas o som da voz de Andrew ainda a deixava nervosa.

- Oi. Você está bem?

Ela olhou para si mesma. Bolsa, seios, barriga, pés, todos presentes e verificados.

- Sim, estou ótima. Por quê?

- Bem, minha mãe acabou de me bipar e disse que está tentando falar com você, mas que você não estava atendendo o telefone.

"Merda", pensou Becky novamente.

- Olhe, sei que ela pode ser exigente. Eu tive de morar com ela, lembra-se?

- Eu me lembro - disse Becky. "E como você virou uma pessoa normal é um dos mistérios da História", ela se conteve para não dizer.

- Faça a vontade dela um pouco. Pergunte-lhe como vão as coisas com a mudança.

- Posso fazer a vontade dela - Becky respondeu, mas não tenho tempo de fazer as coisas para ela.

- Eu sei - o marido retrucou. Becky podia ouvir barulhos de hospital ao fundo, algum médico sendo chamado. - Você não tem de fazer isso. Não espero que faça. Mimi também não.

"Então por que ela não pára de pedir?", Becky ficou imaginando.

- Só converse com ela - disse Andrew. - Ela está se sentindo só.

"Ela é louca", pensou Becky.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

